

A missão conjunta do Filho e do Espírito como princípio de comunhão na Igreja, segundo Joseph Ratzinger

The joint of mission of The Son and The Spirit as a principle of communion in the Church, according to Joseph Ratzinger

GILCEMAR HOHEMBERGER¹

THIAGO MARIZ ESTEVES DE SOUZA²

Resumo: Joseph Ratzinger (Bento XVI) desenvolveu uma eclesiologia de comunhão, na qual destaca o princípio teológico desta comunhão eclesial, a saber: toda a economia da salvação é evocada a partir das missões divinas do Filho e do Espírito Santo, procedente do Pai, que comunica a Vida da Trindade à Igreja, para encaminhá-la pelo Filho, no Espírito, ao Pai. Para o teólogo alemão, a Igreja não é um resultado dos impulsos naturais de homens que se reúnem para partilharem seus nobres ideais. A Igreja Comunhão é fruto da ação criadora do Espírito, vem do Coração de Cristo e é escrito no coração dos homens, “não com letras, mas com o Espírito do Deus Vivo” (II Cor 2,2). O Espírito recebe do Pai e do Filho, a missão de continuar a realizar entre os homens, o plano divino da história da salvação mediante a construção do Corpo Místico de Cristo que é a Igreja.

Palavras-Chave: Joseph Ratzinger. Igreja. Comunhão. Missão. Jesus. Espírito Santo.

Abstract: Joseph Ratzinger (Benedict XVI) developed an ecclesiology of communion, in which he highlights the theological principle of this ecclesial communion, namely: the whole economy of salvation is evoked from the divine missions of the Son and the Holy Spirit, proceeding from the Father, who communicates the Life of the Trinity to the Church, in order to direct it through the Son, in the Spirit, to the Father. For the German

-
- 1 Doutor em Teologia (PUC-Rio). Professor da Faculdade de São Bento – RJ. Contato: gilcemar_h@hotmail.com
 - 2 Mestre em Teologia (PUC-Rio). Contato: thidiplomata@gmail.com

theologian, the Church is not a result of the natural impulses of men who come together to share their noble ideals. The Church Communion is the fruit of the creative action of the Spirit, it comes from the Heart of Christ and is written in the hearts of men, "not with letters, but with the Spirit of the living God" (II Cor 2:2). The Spirit receives from the Father and the Son the mission of continuing to carry out among men the divine plan of the history of salvation through the building of the Mystical Body of Christ which is the Church.

Key words: Joseph Ratzinger. Church. Communion. Mission. Jesus. Holy Spirit.

Introdução

A *communio* pressupõe uma compreensão de Deus segundo a qual o Absoluto, longe de ser uma lei impessoal do mundo, se constitui antes como Verbo, Sentido, Amor, comunidade viva.³

O Concílio Vaticano II compreende a Igreja à luz do mistério da História da Salvação, isto é, a partir da missão conjunta do Filho e do Espírito Santo, como enviados pelo Pai. A fidelidade a esta perspectiva Trinitária, nos permitirá ver sempre a Igreja no contexto da comunhão trinitária, compreendendo assim, as afirmações basilares a este respeito: "Povo de Deus" (LG 2), "Corpo de Cristo" (LG 3) e "Templo do Espírito Santo" (LG 4). Nesse contexto, por Igreja, se compreende a comunhão com Deus por Jesus Cristo no Espírito Santo.

A História da Salvação enquanto tempo da Igreja de Cristo não pode ser entendida sem a mediação histórica – salvífica do Espírito. O Espírito Santo e a Igreja são duas realidades inseparáveis! É pela ação do Espírito Santo que a Igreja torna-se continuidade histórica da presença de Jesus Cristo no espaço e no tempo. Portanto, a história de Cristo prolonga-se na história da Igreja graças à assistência do Espírito Santo.

A reflexão teológica do Ocidente no campo eclesiológico (talvez em vista da reforma protestante, a Igreja tinha insistido demasiadamente no aspecto visível, institucional e hierárquico), foi reduzida por muitos séculos a Cristologia, o que resultou numa espécie de esquecimento em torno da Pessoa, e conseqüentemente de uma teologia própria do Espírito Santo. A esta tendência teológica, Congar chamou de Cristomonismo⁴. Esta foi também a

3 RATZINGER, J. *Deus próximo de nós. A Eucaristia centro da vida*, p. 14.

4 CONGAR, Y. *CHRISTONOMISME DANS LA TRADITION LATINE?* EM: EPH. THÉOL. LOV. 45,

razão pelo qual o Espírito Santo ter sido chamado por muitos de o “Divino Desconhecido”⁵. Porém, esta tendência teológica parece estar chegando ao fim como afirmou Raniero Cantalamessa: “Estamos vivendo de modo particular no ocidente, o final de um longo período caracterizado por um lamentável divórcio entre a Igreja e o Espírito Santo”.

Uma considerável renovação neste campo deu-se com a Escola de Tubinga, a qual Kasper chamou de um “novo Kairós teológico”⁶, sobretudo no nosso contexto uma obra do teólogo alemão professor desta mesma escola, J.A.Mohler que se chamou “Die Einheit in der Kirche (1825)”. Finalmente a eclesiologia retornava as fontes da Sagrada Escritura e dos Padres da Igreja. Até mesmo a Teologia Protestante (que sempre tendia a afirmar o Espírito sem a Igreja), está de acordo com esta verdade, quando, por exemplo, afirma K.Barth: Se não existe um Espírito fora do Espírito de Cristo, assim também não pode existir o Espírito se suprimirmos a Igreja⁷. Esta descoberta recebeu decisivo impulso a partir do Concílio Vaticano II (o qual Balthasar não cansou de chamar “Concílio do Espírito Santo”), que tratou da realidade pneumatocármica da Igreja (Cf.LG. 4 e12) junto com sua dimensão hierárquica e institucional. Hoje, no período pós-conciliar, tornou-se comum entre os católicos (tanto na teologia como na vida comum dos fieis), esta aproximação maior com a Pessoa e a Ação do Espírito Santo. Parece-nos enfim que os desejos e as orações dos últimos pontífices, de forma especial João XIII⁸, e Paulo VI⁹, que respectivamente pediram e falaram de “Um Novo Pentecostes” e da “Necessidade da Igreja de viver sob um eterno Pentecostes” estão sendo vividas. Podemos repetir as palavras do Pe. Raniero: “O sopro de Pentecostes circula novamente na Igreja, com toda força, e constitui, em meio a todas as imensas dificuldades do momento, a nossa maior razão de esperança. Ele continua sendo à força do alto”.

Por isto, cremos que uma correta reflexão teológica deve falar do Espírito e da Igreja simultaneamente, estabelecendo assim um íntimo nexó entre Eclesiologia e Pneumatologia. Esta é a tentativa da chamada “Cristologia-Eclesiologia Pneumatológica”, pós-conciliar que tem seus grandes

1969.

5 Por exemplo René Laurentin, Congar, etc...

6 KASPER, Walter, *Concezione della teologia ieri e oggi*. Queriana, Brescia, 1982, p.26

7 BARTH, K. *DIE KIRCHLICHE DOGMATIK*, VOL. I/2, ZURICH, 1964 p.473

8 Oração Preparatória do Papa ao abrir o Concílio Vaticano II

9 Paulo VI em 29 de novembro de 1972.

representantes na teologia católica nas pessoas de H.Muhllen, Y.Congar, H.de Lubac, K.Rahner, J.Ratzinger, H.U.von Balthasar e W.Kasper.

A experiência comprova que durante toda a História da Igreja, não obstante a todas as crises, esta relação entre o Espírito e a Igreja foi afirmada e vivida ao longo dos séculos. Nos momentos de tensões mais difíceis, o Espírito Santo provou que “não dorme”, assistindo sempre a Igreja que durante toda a sua vida fez experiência de ser sustentada por este mesmo Espírito, “Dominus Vivificans”, como havia lhe prometido o próprio Jesus Cristo (Cf. Jo15, 26; 16,7-15). Portanto, desde o início, a Igreja é Instituição de Cristo e sua realização no Espírito! Porque é pela mediação do Espírito que se faz à experiência viva de Jesus Cristo presente na comunidade dos fiéis. Tendo em vista esta verdade, podemos dizer como W. Kasper que a Igreja é “sacramento do Espírito” (1980, p. 87), o que nos remete a uma preciosa afirmação de Santo Irineu: “Ubi enim Ecclesia, ibi et Spiritus Dei; et ubi Spiritus Dei, illic Ecclesia et omnis gratia” (Adv.Haer.III,24,1).

1. O conceito *communio*

O termo *Koinonia* ocupa um lugar central para entendermos a natureza mesma da Igreja. Em uma primeira análise, podemos afirmar que a palavra grega *Koinonia* (*communio* em Latim), possui ao menos quatro significados: Comunhão entendida como associação e conexão; Comunhão como Comunidade de vida; Comunhão pensada como Comunhão Eucarística, de união ao Corpo e Sangue de Cristo; e Comunhão como comunicação e distribuição de bens. Ratzinger afirma que, na amplitude semântica da palavra, o conceito propriamente designa do mesmo modo “eucaristia” como também “comunidade”, de tal modo que eucaristia e comunidade são conceitos separáveis, mas comunhão como sacramento e comunhão como dimensão social e institucional estão reunidas.¹⁰ O importante neste momento é afirmar que o termo *communio* tem um significado eclesial que supera seu valor etimológico.

A nível bíblico é importante fazer uma observação quanto ao Antigo Testamento: na realidade vetero-testamentária, não se conhece uma comunhão (*Khaburah*, *Koinonia*) entre Deus e o homem (para aquela mentalidade entre Deus e o homem existe a transcendência do Criador que permanece inacessível); será somente no Novo Testamento¹¹ que esta comunhão será

10 Cf. RATZINGER, J. *Convocados em el camino de la Fe*, p. 68.

11 A palavra *Comunhão* aparece 19 vezes no N.T e 112 vezes nos documentos do Concílio Vaticano II.

instaurada através a Pessoa de Jesus. Por isto, “a real relação entre Deus e o homem, que é essencial para o Antigo Testamento, não vem jamais expressa com a palavra *koinonia*, mas com a palavra *berith*, que significa aliança”.¹²

Koinonia se refere a palavra hebraica *Khaburah*, que como no grego, significa uma companhia, uma *cooperativa*. Certamente que seu uso no contexto da sociedade hebraica poderá nos ajudar para uma maior compreensão. Trata-se sobretudo de três aspectos: indica um grupo de judeus; posteriormente um grupo de rabinos e por fim, um grupo (de ao menos 10 pessoas) reunidos em torno a Ceia de Páscoa. Nesta última concepção da palavra, afirma Ratzinger, se põe o acento sobre o Mistério da Igreja em modo mais imediato e transparente: essa é *Khaburah* de Jesus em um sentido muito profundo, a comunhão com a sua Páscoa, a família na qual nutria o eterno desejo de comer a Páscoa (cf. Lc 22, 15).¹³

A encontramos sobretudo na filosofia grega, da qual a visão é totalmente diversa da raiz bíblica hebraica. Se o Antigo Testamento, de frente ao politeísmo, salvaguarda a unidade de Deus através da transcendência; o mundo pagão afirma exatamente no centro de sua busca religiosa, a possibilidade da comunhão recíproca entre os deuses e os homens. A diferença com o pensamento cristão neste caso, está no fato que

No Novo Testamento a Igreja é Comunhão, não somente porque une os homens entre si, mas mediante a morte e a ressurreição de Jesus, comunhão com Cristo, o Filho Encarnado, e portanto, comunhão com o Amor Eterno e Trinitário de Deus. De fato, isto não é um resultado de uma nova síntese de pensamento; mas o fruto de uma realidade nova jamais dada em precedência.¹⁴

Dois textos do Novo Testamento são fundamentais para entendermos o conceito cristão de comunhão:¹⁵ “A graça do Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo estejam com todos vós” (II Cor 13,13); “O que vimos e ouvimos vo-lo anunciamos para que estejais em comunhão

12 Cf. RATZINGER, J. *LA COMUNIONE NELLA CHIESA*, p. 75.

13 RATZINGER, J. *LA COMUNIONE NELLA CHIESA*, p. 74.

14 RATZINGER, J. *LA COMUNIONE NELLA CHIESA*, pp. 76-77.

15 No que diz respeito ao Novo Testamento, além dos textos citados (II Cor 13,13 e I Jo 1,3), existem mais cinco textos que podem ser pensados nesta prospectiva eclesial de comunhão: I Jo 1, 6-7; I Cor 1, 9; 10, 16-17; Fil 2, 1; 3, 10.

conosco. E a nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo” (I Jo 1,3).

O primeiro evidencia a forma do pensamento trinitário do apóstolo Paulo, que traduz provavelmente a fé trinitária expressa na litúrgica das primeiras comunidades cristãs (Cf. também Mt 28,19). Essa fórmula trinitária tem seu eco em numerosas passagens das cartas paulinas, nas quais as ações das Três Pessoas da Trindade são apresentadas em contextos diversos. A Ratzinger, é também interessante pensar que a Pessoa do Espírito Santo, está neste texto coligada com a função de comunhão.

Os significados do conceito cristão de *communio* se encontram reunidos no texto do primeiro capítulo de I João, que pode ser considerado como critério de referimento para pensar a realidade da *koinonia* do ponto de vista eclesial: existe uma comunhão vertical e invisível, com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo (I Jo 1, 3), como existe também uma comunhão horizontal e visível, quando estamos em comunhão uns com os outros (I Jo 1,7). A este respeito, convém afirmar que na *Communio* (Koinonia), a dimensão horizontal é o resultado da vertical, e só pode ser compreendida a partir dela.¹⁶

No texto de João, mais solene e pleno de considerações teológicas, o autor indica qual é a comunhão a qual estamos todos chamados: se trata da comunhão com Deus Pai e com seu Filho Jesus. Este versículo três define o fato substancial desta comunhão: A ação da comunhão entre o homem e Deus, a qual tem como fruto verificável a comunhão entre os homens. Enfim, ambos os textos, consistem nas exigências práticas e nas consequências da *Koinonia* batismal e eucarística.

A partir desta pequena análise bíblica, podemos entender genuinamente o sentido profundo da palavra *koinonia*. É um sentido sempre muito mais intenso do que *qualquer comunidade* platônica ou dos *diversos grupos que formam a sociedade civil* segundo a mentalidade aristotélica.¹⁷ O fato é que o Novo Testamento apresenta uma noção de *koinonia* que supõe certamente uma comunidade ou diversos grupos; mas não somente uma comunidade que divide as coisas, mas uma comunidade de salvação, onde se vive e compartilha a relação de intimidade com as Pessoas divinas.

16 Cf. RATZINGER, J. *Convocados em el camino de la Fe*, p. 76.

17 Cf. RATZINGER, J. *Convocados em el camino de la Fe*, pp. 78-79.

2. A comunhão como conceito cristológico¹⁸

Toda a evolução do conceito cristão de *Communio*, acolhendo e transformando a herança pré-cristã, conhecerá o seu momento culminante no Evento Cristo. Sendo assim, o centro e o fundamento originário da *comunhão cristã* está na Cristologia: *O Filho de Deus se fez homem por nós e par nossa salvação*, isto é, para restabelecer a *Communio* entre Deus e os homens.¹⁹ Segundo Ratzinger, “aqui está o ponto de partida da *communio*: o encontro com o Filho de Deus encarnado, Jesus Cristo, que vem aos homens no anúncio da Igreja. Assim surge a comunhão dos homens entre si, que, por sua parte, se baseia na comunhão com o Deus Uno e Trino”.²⁰ Cristo é a comunhão em pessoa. A Igreja, por sua vez, “a mais íntima comunhão com Cristo”.²¹

Em Jesus se realiza o novo acontecimento da entrada real na comunhão por parte do Deus único com os homens, encarnando-se na natureza humana. Natureza divina e natureza humana se compenetraram – ‘sem confusão e sem separação’ – na pessoa de Jesus Cristo. Aqui está a novidade cristã, o específico que determina a compreensão eclesial de *communio*: “a comunhão com a Palavra encarnada de Deus, que nos faz partícipes de sua vida através de sua morte, e desta maneira também nos quer conduzir ao serviço mútuo, a comunhão viva e visível”.²² Ratzinger aprofunda ainda mais a índole cristológica da *communio*:

À comunhão com Deus se tem acesso através daquela realização da comunhão de Deus com o homem que é Cristo em pessoa; o encontro com Cristo cria comunhão com Ele mesmo e portanto com o Pai no

18 No Novo Testamento, o conceito de *comunhão*, encontra sua expressão no termo *Koinonia* (19 vezes). Em São Paulo (14 vezes), o termo assume mais significados: indica a contribuição concreta de uma comunidade a outra que se encontra em necessidade, manifestando assim a caridade (Cf. II Cor 9, 13); descreve a participação na fé á vida de Cristo (I Cor 1, 9); no sofrimento (Fil 3, 10); e na consolação (II Cor 1, 57). O termo indica também a participação ao Corpo e ao Sangue do Senhor (I Cor 10, 16). A comunhão é dita também “do Espírito” (II Cor 13, 13). Todos os elementos essenciais do conceito cristão de *communio* encontram-se reunidos no famoso trecho de 1 Jo 1,3, que pode ser considerado o critério de referência para toda correta compreensão cristã da *communio*: “O que vimos e ouvimos, anunciamo-lo também a vós, para que também vós estejais em comunhão conosco. A nossa comunhão é com o Pai e com o seu Filho Jesus Cristo. Estas coisas vos escrevemos, para que a nossa alegria seja perfeita”. Cf. RATZINGER, J. *LA COMUNIONE NELLA CHIESA*, p. 187.

19 Cf. RATZINGER, J. *LA COMUNIONE NELLA CHIESA*, p. 78.

20 JROC, VIII-1, p. 544.

21 RATZINGER, J. *CHIESA, ECUMENISMO E POLITICA*, p. 11.

22 Cf. RATZINGER, J. *Convocados en el camino de la Fe*, p. 73.

Espírito Santo; e a partir daí une os homens entre si. Tudo isto tem por fim a alegria plena: a Igreja traz em si uma dinâmica escatológica.²³

O conceito *Koinonia* no livro dos Atos dos Apóstolos (2, 42), assume explicitamente também um significado eclesiológico: A comunhão implica uma consciência comunitária de pertença a Cristo, os quais são considerados membros uns dos outros. A este ponto, aparece a estreita ligação entre o conceito de *Communio* e a compreensão da Igreja como *Corpo de Cristo*. No texto dos Atos, se oferece um paradigma da comunidade cristã iluminada pela comunhão. Aqueles que a formam, devem permanecer unidos nestes quatro elementos essenciais da comunidade: oração, doutrina dos apóstolos, Eucaristia e a *Koinonia* entendida como *união fraterna entre os cristãos*. Os destinatários deste amor fraterno não são somente as pessoas individuais, mas o conjunto do *Corpo místico de Cristo*, vertebrado pelos pastores (sucessores dos apóstolos). Destarte,

Este caráter comunitário da Igreja compreende necessariamente seu caráter de “nós”: a Igreja não é algo que não sabe onde está; nós mesmos somos a Igreja. É certo que ninguém pode dizer: “eu sou a Igreja”; mas todos e cada um podemos e devemos dizer: *nós* somos a Igreja. E este “nós” não é, por sua vez, um grupo isolado, mas que se mantém no interior da comunidade inteira de todos os membros de Cristo, vivos e mortos.²⁴

Em uma palavra, a comunhão é o princípio, o ponto de partida e de chegada, o objetivo e a finalidade de toda forma de existência eclesial, de todo relacionamento na Igreja, Povo de Deus em caminho. A comunhão eclesial, portanto, é a espinha dorsal de todo o ser e agir da Igreja. Este dom de comunhão, à luz desta nova perspectiva de eclesiologia, explicita-se em todas as formas de serviço, se alimenta e enriquece, tornando-se empenhativa nos ministérios ordenados e nas variedades de dons e carismas concedidos a todo o Povo de Deus, em vista da edificação do Corpo de Cristo através da comunhão.

Todos estes conceitos bíblicos e as mais variadas imagens sobre a realidade da comunhão no Novo Testamento, iluminam e enriquecem ainda mais o originário sentido da comunhão cristã, ajudando-nos assim, a evitar alguns equívocos. A este respeito, afirma Ratzinger:

23 RATZINGER, Joseph. *A Eclesiologia da Constituição Lumen gentium*. In: *L'OSSERVATORE ROMANO*. Sábado, 4 de março de 2000, pp. 4-7. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20000227_ratzinger-lumen-gentium_sp.html

24 RATZINGER, J. *CHIESA, ECUMENISMO E POLITICA*, p. 12.

A comunidade cristã não pode ser explicada de modo horizontal, essencialmente sociológico. A relação com o Senhor, a proveniência e o orientamento a Ele, é a condição de sua existência; se pode até mesmo dizer: na sua essência, a Igreja é uma relação, uma relação fundada pelo amor de Cristo, que por sua vez, funda também uma nova relação recíproca entre os homens.²⁵

O conceito de comunhão, redescoberto pelo Concílio e trabalhado após ele, foi praticamente um reflexo da mesma comunhão da Igreja Universal, vivida na realidade mesmo do clima conciliar. De um *Concilio comunhão*, não poderíamos senão pensar e repensar a realidade eclesiológica como comunhão. Daqui surge a imagem da Igreja-comunhão pós-conciliar, que foi realmente a primeira reunião do episcopado universal em plenitude.²⁶

3.O Espírito como princípio da comunhão

A Presença do Espírito Santo nos textos do Vaticano II foi colocada especialmente em estreita relação com o Mistério da Trindade (Povo de Deus, Corpo de Cristo e Templo do Espírito, cf. LG 2 e 4) com a Revelação, com a Igreja e com a vida carismática dos pastores e do povo de Deus.²⁷ O Espírito Santo revela o mistério de Cristo e abre-nos o caminho para o Pai; Assiste a Igreja hierárquica na interpretação da Escritura (DV 23) e a leva a plenitude da verdade, dotando-a de seus dons para a missão (LG 12); Consola todo aqueles que testemunham Cristo no sofrimento e na perseguição (LG 17); Infunde no coração dos fiéis a fé, a esperança e a caridade, gerando-os filhos para a Igreja (LG 64); Na realização do ministério petrino (LG 22), a hierarquia é assistida pelo Espírito Santo que constitui os pastores da Igreja (LG 20); Maria torna-se mãe graças a Sua aceitação na Anunciação, e no Cenáculo implora sobre a Igreja do seu Filho, na pessoa dos apóstolos, o Espírito Santo (LG 56); Uma forma particular de vida suscitada pelo Espírito na Igreja é a vida religiosa (LG

25 RATZINGER, J. *LA COMUNIONE NELLA CHIESA*, p. 80.

26 Vale a pena recordar que neste sentido, o Concílio é de uma originalidade única: 2.540 padres conciliares! No Vaticano I haviam 750 e em Trento 258. Mais de um terço dos padres eram da assim chamada *Igreja do Terceiro Mundo*.

27 **Não existe nenhuma atividade eclesial sem a ação do Espírito Santo. Certamente que todas as centenas de referimentos à Terceira Pessoa da Trindade (acrescentando todos os inúmeros referimentos bíblicos do Espírito Santo), não formam em si uma teologia sistemática, já que a intenção do Concílio não era o de fazer uma síntese pneumatológica, como foi súbito elaborada pelos teólogos pós-conciliares.** Por outro lado, o Papa João Paulo II afirma na Carta Encíclica *Dominum et Vivificantem*, 26: “que o ensinamento do Vaticano II é pneumatológico, porque está impregnado da verdade que o Espírito Santo é alma da Igreja”.

43), que testemunha através dos conselhos evangélicos a infinita potência do Espírito; Protagonista da Missão da Igreja no mundo (LG 17), o Espírito guia a história até o seu cumprimento final (LG 50), ajudando a humanidade a lê-la e vivê-la como História de Salvação.²⁸ Portanto, “segundo a constituição sobre a Igreja do Concílio Vaticano II só é membro pleno da Igreja quem também tem o Espírito de Cristo”.²⁹

Toda a economia da salvação é evocada pelo Concílio a partir das missões divinas do Filho e do Espírito Santo, procedente do Pai, que comunica a Vida da Trindade à Igreja, para encaminhá-la pelo Filho, no Espírito, ao Pai. A intenção é afirmar que todo movimento eclesial parte do Pai e, pelo Filho para Ele retorna, ao sopro do Espírito.

O Pai (evoca a teologia do concílio), não cessa de enviar aos nossos corações o Espírito de seu Filho. Utilizando uma variedade de textos paulinos e alguns de São João, a exposição conciliar manifesta o papel do Espírito Santo na vida da Igreja continuando e atualizando a obra redentora de Cristo Jesus. O Espírito Santo, antes de tudo, é enviado. A partir daqui é que todas as suas funções na Igreja devem ser entendidas, ou seja, a partir da missão que Ele recebe do Pai e do Filho (Cf. Jo 14,16.26; 15,26; 16,12-15).

O texto conciliar se fixa mais expressamente na missão visível do dia de Pentecostes, porque neste dia a Igreja começa a sua missão sobre a terra, como continuação da vinda do Espírito Santo sobre ela em línguas de fogo, símbolo da força irresistível da qual seria dotada para sempre. Com a Efusão do Espírito Santo em Pentecostes sobre a Igreja, o povo do Novo Testamento não vive mais de uma simples promessa, mas agora, o Espírito é a garantia de uma realidade doada e realizada. Em Pentecostes, segundo Ratzinger, a fisionomia autêntica da Igreja aparece como uma *communio*.³⁰

Inaugurada de maneira definitiva e carismática em Pentecostes, a ação do Espírito *santifica continuamente a Igreja*,³¹ gerando a *communio*

28 Convém recordar que nestes primeiros números, a LG nos oferece uma esplêndida síntese de uma eclesiologia trinitária. A intenção do Concílio é ressaltar a verdade que o Mistério da Igreja só se explica à luz da Trindade, porque o dogma da Trindade é a raiz e o cume de todos os mistérios cristãos. Sendo assim, os padres conciliares, tocaram na essência mais íntima do mistério eclesial.

29 JROC, VIII-1, p. 305.

30 JROC, VIII-1, p. 273. Naquele dia a Igreja recebeu a sua Alma, Era isto que Irineu já queria dizer com sua famosa frase “*Ubi Spiritus, ibi Ecclesia*”. É isto que professamos no Credo em seus dois artigos intimamente ligados: “*Credo in Spiritum Sanctum, Sanctam Ecclesiam catholicam*”. Esta era a realidade da Igreja nascida em Pentecostes e confirmada no primeiro concílio da sua história: “Pareceu bem ao Espírito Santo e a nós” (At 15, 28).

31 O círculo da *Ecclesia a Trinitate* se conclui com o Espírito Santo. O número quatro da

*sanctorum que, segundo Ratzinger, compreende dois aspectos: significa por um lado, communio das coisas santas (sancta), dos sinais santos, das realidades santas que a Igreja possui e, em consequência, designa a communio ecclesiarum institucional; mas significa também communio das pessoas santas (sancti), a comunicação pessoal dos santificados por Cristo.*³²

A Igreja é *communio* porque recebe o Espírito Santo, aquele que “é a pessoa como unidade, a unidade como pessoa”.³³ O Espírito, afirma Ratzinger, é a unidade que Deus doa a si mesmo, no qual Pai e Filho se doam reciprocamente a si mesmos. O seu *proprium* paradoxal é ser *communio* do Pai e do Filho. O Espírito Santo é no interno do Mistério Trinitário a Pessoa da Comunhão, isto é, é a Pessoa que desde toda a eternidade, une as outras duas Pessoas Divinas, o Pai e o Filho. Por outro lado, sendo a *Comunhão Eterna*, Ele é a Pessoa Divina que possui a Missão de formar na terra, entre os homens, a imagem da Comunhão Divina, incentivando e capacitando as nossas comunidades humanas a viverem a espiritualidade de comunhão, que tem como modelo paradigmático a Trindade Santa.

A definição do Espírito como *communio*, tem para Ratzinger, um sentido fundamentalmente eclesiológico.³⁴ Abre a pneumatologia à eclesiologia, manifesta o vínculo da eclesiologia à teologia: Tornar-se cristão, é tornar-se *communio*, e com isto, entrar no mundo de ser do Espírito Santo. Isto pode apenas acontecer por meio do Espírito, que é a força da comunicação, Aquele que faz a mediação.

O Espírito Santo não é somente o princípio da união de todos os fiéis com Cristo, mas o é também com a Igreja. Ele é o Autor de nossa comunhão divina e eclesial. O problema fundamental da eclesiologia não é estabelecer a relação do Espírito Santo com as outras pessoas da Santíssima Trindade, mas focalizar a relação da terceira pessoa com a Igreja e o mundo.

Afirmando e aprofundando o sentido pleno da comunhão cristã-eclesial, não se pode chegar a outro fundamento senão aquele cristológico à luz do Espírito, ou seja, o fundamento originário da comunhão deve estar fundado sobre uma cristologia pneumatológica: O Filho Encarnado, por obra do Espírito Santo, é a *comunhão* entre Deus e os homens. Em verdade, o ser cristão não é outro que a participação ao mistério da Encarnação, o que

LG é todo ele consagrado a manifestar a Ação Santificadora do Espírito, e mesmo que não esgote propriamente toda a doutrina da relação que contém o Espírito Santo e a Igreja, ele nos oferece um resumo fortemente sintético desta reflexão teológica.

32 JROC, VIII-1, p. 307.

33 JROC, I, p. 466.

34 JROC, I, p. 467.

equivale a *vida segundo o Espírito*. Em outras palavras: “ser cristão significa ser *communio*, e, com isso, entrar na forma essencial do Espírito Santo”.³⁵ A função própria do Divino Paráclito, no que diz respeito a estrutura eclesial, é aquela de reforçar a comunhão da Esposa com Deus em Cristo. O Espírito que cria a unidade eucarística é o Espírito de Cristo, e a forma que este mesmo Espírito quer imprimir na Igreja, é aquela de Cristo.

A Igreja entendida como comunhão, não é um resultado dos impulsos naturais de homens que se reúnem para partilharem seus nobres ideais. A Igreja Comunhão é fruto da ação criadora do Espírito, vem do Coração de Cristo e é escrito no coração dos homens, “não com letras, mas com o Espírito do Deus Vivo” (II Cor 2,2).

O Espírito recebe do Pai e do Filho, a missão de continuar a realizar entre os homens, o plano divino da história da salvação mediante a construção do Corpo Místico de Cristo que é a Igreja. Na verdade, o Espírito Santo acompanha o caminho da Igreja, associando-a ao testemunho que Ele próprio dá de Cristo (Cf. Jo 15, 26-27).

Se procurássemos a fonte da *Koinonia*, com certeza encontraríamos no próprio processo da Trindade econômica: *A salvação nos é dada por Deus, em Cristo, pelo Espírito. A comunhão na sua realidade mais profunda é o próprio mistério dinâmico do amor Trinitário. Porém, toda a tradição da Igreja, é unânime ao afirmar que é o Espírito que faz possível a comunhão. Por este motivo, toda a comunhão é comunhão “no Espírito” (II Cor 13,13).*

*Não há dúvida que a unidade interna da Igreja é obra própria do Espírito Santo, como a unidade que existe entre as Três Pessoas divinas. De fato, o Espírito Santo que na Trindade une em si mesmo o Pai e o Filho, une igualmente os membros do Corpo místico entre eles, enquanto os une Àquele que é a Cabeça, o Cristo Jesus. Desta forma, podemos afirmar que é a unicidade do Espírito Santo que faz a unidade da Igreja.*³⁶ Enquanto Igreja de Cristo é Igreja do Espírito. A comunhão que se estabelece entre a Igreja e Cristo é uma comunhão no Espírito Santo. Esta comunhão é o Espírito, cujo primeiro e fundamental dom é a eclesialidade mesma, por isso a Igreja não é somente uma sociedade, mas uma consubstancialidade ou pluri-unidade real e vivente, o Corpo de Cristo.

O Espírito é o Amor personificado, é o Amor que realiza a unidade, segundo as palavras de São Paulo: “Mas, acima de tudo, revesti-vos do amor, que é o vínculo da perfeição” (Col 3, 14). Ratzinger explica, a partir disso,

35 RATZINGER, J. *LA COMUNIONE NELLA CHIESA*, p. 78-79.

36 Cf. JROC, I, p. 467.

que “o dom de Deus é o Espírito Santo. O dom de Deus é o amor: *Deus se comunica no Espírito Santo como amor. [...] A presença do Espírito Santo se manifesta essencialmente na forma de amor*”.³⁷ Este Espírito-Amor foi derramado sobre nós, para que permaneçamos em Deus e Deus em nós. É o Espírito-Amor que sela a comunhão, de tal modo que “o amor é o critério do Espírito Santo frente ao espírito que não é santo”.³⁸

6. Considerações finais

Ao longo do percurso apresentamos as ideias centrais da eclesiologia de Ratzinger. Algumas reflexões foram retomadas sempre de novo, para ressaltar sua importância e mostrar a vinculação dos diversos conceitos através da ideia síntese da reflexão sobre a Igreja, a *communio*, que gira em torno a três conceitos fundamentais: Povo de Deus, Corpo de Cristo e Sacramento. A Igreja é radicalmente um mistério: visivelmente é um povo, povo de Deus, que constitutivamente é Corpo de Cristo e operativamente é Sacramento. Três ideias que resultam numa “eclesiologia de comunhão”, com seu centro na Eucaristia.

A eclesiologia ratzingeriana foi desenvolvida inicialmente a partir da Escritura e da Tradição – Santos Padres. Com o Concílio Vaticano II, Ratzinger ampliou seus horizontes e fortaleceu suas perspectivas sobre a Igreja, elaborando uma eclesiologia teológica, como Mistério intimamente relacionado com a Trindade.

Imediatamente após o Concílio, o conceito de comunhão referido à Igreja, junto ao conceito de povo de Deus, foi uma das noções que mais atraiu o interesse dos teólogos. Apesar dos notáveis méritos e dos progressos reais da reflexão eclesiológica, Ratzinger observou o surgimento de algumas tendências que interpretavam redutivamente os conceitos chaves com o conseqüente perigo de alterar radicalmente a eclesiologia católica. A principal raiz desse problema estava na interpretação do Concílio, naquilo que Ratzinger chamou de hermenêutica da ruptura, enquanto para ele, a hermenêutica adequada seria a da continuidade.

O conceito povo de Deus foi entendido cada vez mais no sentido de soberania popular, esquecendo que o elemento constitutivo deste povo é Deus; ele é o verdadeiro soberano. Também o conceito de comunhão sofreu com o reducionismo, foi restringido a um exclusivismo horizontal, sociológico, que

37 JROC, I, p. 469.

38 JROC, I, p. 469.

sustenta uma ideia antihierárquica e a primazia da Igreja que seria sobretudo uma federação de Igrejas locais, precedentes a Igreja Universal.

Ratzinger buscou refletir sobre o correto sentido do conceito de *communio*, em fidelidade ao ensinamento bíblico e tradição patrística, na mesma linha do Vaticano II e, principalmente a partir do Sínodo dos Bispos de 1985. As reflexões sobre a Igreja Comunhão e sua vinculação com as noções de Povo de Deus, de Corpo de Cristo e de Sacramento, com seu centro na Eucaristia, desembocaram numa *eclesiologia eucarística de comunhão*.

Ratzinger descobriu que não existe uma *eclesiologia* isolada, mas que existe unicamente uma *eclesiologia* fundamental, da qual se podem elaborar várias perspectivas de modos diversos, segundo o acento de alguns conceitos. Todavia a diversidade de elaboração teológica não pode prescindir daqueles elementos essenciais da *eclesiologia*, mas equilibrar a Tradição doutrinal que conserva íntegro o dado revelado e reconhecer nas formulações históricas, as mudanças e configurações próprias de cada época: o essencial e o mutável.

Referências

- Kasper, W. *La Chiesa luogo dello Spirito*. Queriana, 1980, p.87.
- RATZINGER, Joseph. *Obras completas I – Pueblo y casa de Dios en la eclesiología de san Agustín*. Madrid: BAC, 2014, 768 p.
- RATZINGER, Joseph. *Obras completas II – Comprensión de la revelación y teología de la historia de san Buenaventura*. Madrid: BAC, 2013, 865 p.
- RATZINGER, Joseph. *Obras completas VII/1 – Sobre la enseñanza del concilio Vaticano II. Formulación, transmisión, interpretación*. Madrid: BAC, 2014, 592 p.
- RATZINGER, Joseph. *Obras completas VIII/1 – Iglesia. Signo entre los pueblos. Escritos de eclesiología y de ecumenismo*. Madrid: BAC, 2015, 680 p.
- RATZINGER, Joseph. *Compreender a Igreja hoje. Vocação para a comunhão*. Petrópolis: Vozes, 1992.
- RATZINGER, Joseph. *Dogma e Anúncio*. São Paulo: Loyola, 2007.
- RATZINGER, Joseph. *Do sentido de ser cristão – Três homilias*. Cascais, Portugal: Princípia, 2009 .
- RATZINGER, Joseph. *Introdução ao Cristianismo. Preleções sobre o Símbolo Apostólico*. 2ª Ed. São Paulo: Loyola, 2006.
- RATZINGER, Joseph. MAIER, Hans. *Democracia na Igreja*. São Paulo, Paulinas, 1976.
- RATZINGER, Joseph. “O destino de Jesus e a Igreja” em *VVAA, Igreja em nossos dias*. São Paulo, Paulinas, 1969, p. 9-28.
- RATZINGER, Joseph. *O Novo Povo de Deus*. São Paulo: Paulinas, 1974.
- RATZINGER, Joseph. *Chiesa, ecumenismo e politica*. 2ª ed. Milano: Paoline, 1987.
- RATZINGER, Joseph. *La Iglesia. Una comunidad siempre en camino*. 2ª ed. Madrid, España: San Pablo, 2005.
- RATZINGER, Joseph. *Convocados en el camino de la fe. A Iglesia como comunión*, Madrid, Cristandad, 2004.
- RATZINGER, Joseph. *El nuevo pueblo de Dios*, Barcelona: Herder, 2005.
- RATZINGER, Joseph. *Pueblo y Casa de Dios en la doctrina de San Agustín sobre la Iglesia*. Madrid: Encuentro, 2012.

Como citar:

HOHEMBERGER, Gilcemar; SOUZA, Thiago Mariz Esteves de. A missão conjunta do Filho e do Espírito como princípio de comunhão na Igreja, segundo Joseph Ratzinger. Coletânea. Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. 22, n. 44, p. 359-374, jul./dez.2023